

## **CUBA NA ARENA**

O riso não veio,  
Não veio a utopia  
E tudo acabou  
E tudo fugiu

**Carlos Drummond de Andrade:** *José.*

Mamãe eu quero ir a Cuba  
E quero voltar

**Caetano Veloso:** *Quero ir a Cuba.*

Antes que anoiteça, antes que as asas do corvo se estendam sobre a plantação e o *nunca mais* se repita como o martelar de um tambor fúnebre, busquemos *A Velha Rosa*<sup>1</sup>, uma imagem de Cuba. Ou várias: pretérita, presente e futura. Nunca a mesma. O vírus por todo o sistema: a corrupção da utopia vermelha: a revolução no sangue, no corpo do escritor, expulsando-o, exilando-o do próprio *locus* da enunciação. Nunca Mais! O sexo, a arma. *Never more!*

Começado o desfile – na ficção e no que conhecemos como realidade –, desapropria-se a vida, a liberdade – o bem capital; interpretado dentro da lógica stalinista como vício. Está confiscado o direito de pecar, de ir contra, fugir da Ilha dos Prazeres, aqui, no texto – meu e de Arenas, assim como na Velha Cuba –, um campo de concentração para homossexuais – nenhuma fantasia televisiva. A opção? Fugir pra outro lugar: Miami, Paris ou, ainda, radicalizando o desespero, fugir do próprio corpo, cortar os pulsos, engolir cápsulas de morfina com uísque, finalizando, assim, a fase dita terminal, esvaindo-se feito fumaça de charuto. Do melhor charuto já fumado.

Trata-se de representação, diria. Ou, ainda, política. A vontade de continuar se manifestando. Sem medo. Ou com. Um camponês contra a farsa da “igualdade”. O escritor. O intelectual. As vozes misturadas e sobrepostas. Até o fim, quando a Velha Rosa, ilha e personagem juntas, então desabrochar num vermelho-sangue e os espinhos da repressão retirarem toda a possibilidade de prazer que já minguava.

Numa viagem que fiz a São Paulo em 2005, conheci um jovem cubano, radicado na Espanha e em férias no Brasil. Conversamos. Nascido em Holguín, descobri um curioso paralelismo na vida do escritor e desse jovem desconhecido. Após concluir os estudos fundamentais, mudou-se para Havana para se formar. Na capital, viveu relacionamentos homoeróticos clandestinamente. Depois de formado e pós-graduado, deixou Cuba. Somente

---

<sup>1</sup> ARENAS, Reinaldo. *A velha Rosa*. Tradução de Silvia de Souza Costa. Rio de Janeiro: Record, 1996.

na década de noventa, e na Espanha, pôde construir um relacionamento afetivo com outro homem. Perguntei-lhe o que sabia a respeito da vida de Arenas, se seus livros eram conhecidos e qual imagem faziam dele em Holguín. Informou-me que enquanto morou em sua cidade natal, e mesmo na escola, jamais ouvira falar deste escritor. Somente adulto, e já radicado em Havana, descobriu uma coletânea de contos do autor, emprestada por alguém que a mantinha secretamente e ele nem desconfiava como tinha sido adquirida. Infelizmente, a identidade deste jovem também precisa sofrer um tipo de apagamento. A seu pedido, prometi não revelar o seu nome. Havia e há o medo de retaliações. No caso dele, a possibilidade de não mais poder visitar seus parentes e ajudá-los financeiramente. Após o rigoroso bloqueio econômico imposto ao país pelos Estados Unidos da América, a remessa de dinheiro estrangeiro, via exportação de tecnologias e mão-de-obra especializada, se transformou numa importante estratégia para a diminuição da pobreza cubana.<sup>2</sup>

O apagamento de sua trajetória para seus conterrâneos. Esta é a primeira morte de Arenas. Todavia, é em seu trabalho que realiza uma longa tentativa de reconstrução do lugar de sua existência, projetado em sua escrita. Enquanto contra-revolucionário e exilado, travará uma firme batalha para desmistificar a ilusão desta malfadada experiência socialista, sem, no entanto, ressaltar, aderir a um discurso de cooptação capitalista, simbolizado pelo outro extremo do cabo de uma Guerra Fria, o país que o recebeu, os EUA, mas que, igualmente, lhe nega plenas condições de sobrevivência e expressão<sup>3</sup>.

A maior parte da sua produção literária é publicada na França<sup>4</sup>. Seu primeiro livro de contos, *Termina el Desfile*<sup>5</sup>, onde se encontra a bela narrativa de “La Vieja Rosa”, escrita ainda na década de 60, como oito dos nove contos do volume<sup>6</sup>, só será publicado em maio de 1981, e por uma editora espanhola, a *Seix Barral*, que distribuía seus livros para Barcelona, Caracas e México.

A segunda morte – assim como morrem Cuba, Rosa e Quincas Berro D’Água, fabulosa criação de Jorge Amado – virá em dezembro de 1990. Reinaldo Arenas atendeu ao chamado do corvo para nunca mais. Consideremos, no entanto, que, além da escrita, além da

<sup>2</sup> Neste aspecto, Fernando Morais, no Prefácio à 30ª edição de seu livro-reportagem, *A Ilha*, é bastante esclarecedor. MORAIS, Fernando. *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>3</sup> Conforme depoimento em sua autobiografia. ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça*. Tradução de Irene Cubric. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1995. p. 318

<sup>4</sup> Sem o devido pagamento dos direitos autorais. *Op. Cit.* p. 318.

<sup>5</sup> ARENAS, Reinaldo. *Termina el Desfile*. Barcelona: Seix Barral, 1981.

<sup>6</sup> A exceção é o conto homônimo, *Termina el Desfile*.

negação do corvo, a morte é um estado presente, um rito de passagem, e somos obrigados a conviver com ela e a observar o que nela é contínuo e eterno. Sua repetição, projetada sobre a vida, será também um recomeço, uma outra reflexão, uma passagem de um estado para outro. Lendo e relendo seus contos morremos e renascemos para morrer de novo.

## 2.2 O ESTADO DAS COISAS: TODO HOMEM É UMA CUBA?

Aplaudo, de todo coração, sua idéia de trazer todas as opiniões à luz. Iniciemos sim uma boa e leal polêmica; tentemos dar ao mundo um exemplo de tolerância sábia e perspicaz, mas não nos transformemos, pelo simples fato de sermos líderes de um movimento, em líderes de uma nova forma de intolerância; não posemos de apóstolos de uma nova religião, mesmo que seja a religião da lógica e da razão.<sup>7</sup>

**Pierre-Joseph Phroudon:** Para Karl Marx, 1846

Entre a Utopia e o Real, modelos. Entranhados nas fissuras, nas barras, nas malhas do impossível e também do que existe, mas não se pode ver inteiramente. Modelo de vida e também literário. Todo homem é uma ilha? Estamos isolados em nossas igualdades e diferenças? Ou através da linguagem podemos estender o braço para que outros o segurem? Ler é comungar? Mãos dadas com a certeza de não estar só? Socializar-se. Solidarizar-se. Buscar um Estado comum. Há espaço para a utopia em nós? Como se fôssemos páginas em branco? Seremos ainda cubas? Cubas? Brás Cubas? Mortos ou sobreviventes? Otimistas ou céticos? O escritor no centro da arena. A ilha na arena. A Cuba de Arenas. Antes e depois de Fidel.

### ANTES: FULGÊNCIO

Golpe de estado, exclusão social, riqueza de poucos, cassinos, religião, pobreza de muitos, o açúcar e a música. Depois da colonização espanhola, o império estadunidense apresentava suas armas. Debruçava-se sobre a América Central. A força de sua economia, a

---

<sup>7</sup> PHROUDON, Pierre-Joseph. *Para Karl Marx, 1846*. In.: Os Grandes Escritos Anarquistas. Tradução de Júlia Tettamanzi e Betina Becker. Porto Alegre: L&PM. 1998, p. 129.

indústria automobilística vencendo a batalha contra o Império Inglês e a era da ferrovia, impondo o consumo de novos produtos e, na sedução destes, o expansionismo e a hegemonia política:

Até 1914, a influência norte-americana afirmou especialmente no Caribe e na América Central. No período compreendido entre a guerra e a grande crise de 1929, os progressos da influência econômica norte-americana foram muito rápidos: os países do Pacífico terminaram por se colocar completamente na órbita dos Estados Unidos.<sup>8</sup>

São tempos da Doutrina Monroe, ditando a não intromissão do Velho Mundo, do *Big Stick* (grande porrete) de Theodore Roosevelt, “que substituía a diplomacia e o diálogo pela prática das intervenções militares sempre que os interesses americanos fossem contrariados”<sup>9</sup>, tempos da *Enmienda Platt*<sup>10</sup>.

De 1898 a 1902, os Estados Unidos governaram Cuba por meio de uma ditadura militar, inaugurando um regime discricionário e racista, que visaria principalmente uma futura anexação aos seus territórios, conforme relata Richard Gott:

Os novos governantes foram altivos com os cubanos, rejeitando os soldados dos exércitos de Gómez e de Calixto Garcia e desprezando abertamente a população negra. As transações oficiais eram conduzidas principalmente com a comunidade rica de negociantes e comerciantes, e com os exilados que vinham de Nova York e da Flórida – cubanos brancos educados nos Estados Unidos e já familiarizados com os modos e a linguagem dos americanos.

(...) Os Estados Unidos introduziram a segregação racial na base da força, causando um ressentimento considerável entre os combatentes negros da guerra de independência. Os oficiais eram quase inteiramente brancos. (...) Com ordens de fazer alguma coisa no campo da educação e ainda acreditando na anexação final pelos Estados Unidos, o general Wood começou a organizar o país segundo as linhas americanas, adaptando as escolas espanholas existentes ao sistema público de Ohio e construindo novas escolas.

<sup>8</sup> DONGHI, Túlio Halperin. *História da América Latina*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975, p. 174.

<sup>9</sup> BERUTTI, Flávio; TOURINHO, Lafayette da Costa. *Cuba: a (des)construção do socialismo*. São Paulo: FTD, 2002, p. 11.

<sup>10</sup> Esta emenda será melhor especificada adiante.

(...) Escolas foram estabelecidas por missionários protestantes que afluíram em massa dos Estados Unidos para a ilha “a fim de converter católicos... à cristandade evangélica e trazê-los às idéias americanas.”<sup>11</sup>

Dentro desse espírito, planejaram-se as primeiras eleições pós-coloniais. Os ocupantes americanos julgavam que, reduzindo-se o direito de voto apenas aos homens acima de vinte anos, letrados, proprietários de bens com valor acima de 250 dólares e, ainda, àqueles que tivessem servido no exército rebelde, que lutou pela independência cubana do domínio espanhol, poderiam manipular as eleições de forma que a anexação fosse inevitável. Contudo, para a surpresa dos Estados Unidos, o partido pró-independência venceu.

O passo seguinte da administração em Washington foi fazer com que a transferência do poder favorecesse aos americanos, alegando, para isso, a defesa de um “governo estável e adequado” na ilha.<sup>12</sup> Para que a ocupação tivesse fim, fez-se então incorporar à nova Constituição Cubana a Emenda Platt em 1901, estabelecendo o direito de veto dos Estados Unidos sobre as políticas externas, econômica e de defesa.

Gott ressalta a importância desse documento na nova era imperial:

Com a pressuposição fácil da superioridade da civilização norte-americana, e cega em relação às sensibilidades dos cubanos, a Emenda Platt foi um dos documentos definidores da era imperial. A sua influência perdurou muito depois de ter sido formalmente revogada em 1934, e continuaria a vibrar nas percepções dos Estados Unidos.<sup>13</sup>

Redigida em sete parágrafos, além de proibir tratados e convênios com outros países, sob o pretexto de *proteger* o povo cubano, assim como para *defesa* de seu próprio governo, os americanos obrigam Cuba a vender ou arrendar as terras que os Estados Unidos julgarem necessárias, para garantir o seu abastecimento de carvão, bem como para a instalação de bases militares em solo cubano.

Importante atentar para a forma como o discurso do poder se estrutura. Informação. Contra-informação. Propaganda. Sua coerência está em se mostrar o contrário do que se é e as intenções opostas ao que se pretende. Deste modo, mascara-se a submissão do outro. Ancorado num linguajar “politicamente correto”, numa articulação de defesa da

<sup>11</sup> GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2006, p. 127-128.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p.129-130.

liberdade e a promoção da justiça, justifica-se a violência da autoridade por ardis, institui-se uma supremacia, cerceia-se o direito. Resta-nos saber se, no caso de Cuba, esta estratégia é um privilégio do regime imperialista norte-americano.

A influência e avanço do poder dos Estados Unidos por toda a América Latina, após a decadência do sistema colonial espanhol e português e a retração do imperialismo britânico, devem-se igualmente à resistência das antigas colônias a novas intromissões do Velho Mundo. Mas, passado cerca de meio século de relativa prosperidade e crescimento econômico, quando as Américas conseguiram tirar certo proveito da carência de bens enfrentada pela Europa durante a Primeira Grande Guerra, sucedeu-se a Crise da Bolsa de 1929, trazendo graves conseqüências para os países latinos que apostaram nesta nova ordem mundial:

A crise de 1929 não apenas colocou à economia latino-americana tarefas de dimensões incomparavelmente mais amplas que as anteriores, mas ofereceu também um espetáculo de colapsos econômicos, catástrofes sociais e crises políticas, através dos quais, por uma dezena de anos, pareceu delinear-se – nas grandes potências dominantes – o fim de um mundo.<sup>14</sup>

Mesmo com a recuperação capitalista, novamente alicerçada em razão de uma Grande Guerra, uma importante mudança se operaria dentro da lógica das relações entre as economias metropolitanas e periféricas, acarretando em enorme prejuízo e uma dificuldade de adaptação dos países latino-americanos: a desvalorização da matéria-prima, fonte primordial de riqueza das ex-colônias, países predominantemente agrários, e um subsequente estímulo ao consumo de bens não-primários em desfavor dos de primeira necessidade. Este é o preço do “progresso”:

E decorre também uma nova política em relação às zonas periféricas enquanto fornecedoras: dado que não é indispensável manter uma determinada capacidade de absorção, o rebaixamento dos preços dos gêneros disponíveis não tem teoricamente nenhum limite. Na realidade, a situação é mais nuançada; a tendência dominante, porém, é bastante evidente. Segundo uma definição justamente célebre, as áreas periféricas se transformam nos **slum** (favelas, cortiços) do nosso planeta,

---

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 132.

<sup>14</sup> DONGHI, 1975, p. 211.

comparáveis àquelas áreas urbanas onde, uma vez iniciada, a degradação se torna irresistível.<sup>15</sup>

Frente a esta realidade, a América Espanhola será acometida de uma nostalgia em relação aos antigos colonizadores. Nostalgia que se refletirá também na literatura. O Realismo Mágico – movimento literário absorvido por Arenas, tendo seu conterrâneo Alejo Carpentier como um dos seus principais representantes, e do qual percebemos ecos na novela “O Porteiro”, nos romances “O mundo alucinante”, “Celestino antes Del Alba” e “El palácio de las blanquíssimas mofetas”, nos contos “Con los ojos cerrados”, “Los heridos” e “Bestial entre las flores”, apenas para citar alguns exemplos – será uma das expressões mais importantes dessa nostalgia.

## REALISMO MÁGICO E DITADURA

Ildeber Avelar argumenta, em sua análise da ficção pós-ditatorial na América Latina, que as ditaduras militares foram “instrumentos de transição epocal do Estado ao Mercado”, representando “um corte na substituição da política pela literatura própria”<sup>16</sup>, e que o projeto de escritores como Alejo Carpentier, Emir Rodrigues Monegal, Mario Vargas Llosa, Julio Cortázar, Octavio Paz e Carlos Fuentes, guardadas suas diferenças estéticas e políticas, destinavam-se a apresentar uma literatura latino-americana independente do atraso social e econômico do continente, “mas também como um substitutivo efetivo de tal atraso.”<sup>17</sup>

Tentava-se demarcar uma ruptura com a tradição, pois “descartar o passado era necessidade chave para o resolutivo movimento de ‘colocar-se em dia com a história’, vontade de presente cuja outra face foi o assassinato edípico do pai europeu”<sup>18</sup>. Todavia, a representação que essas literaturas produziram, “restabeleciam um caráter pré-moderno, aurático e quase religioso”, num gesto fundacional já contraditório e paradoxal por sua própria natureza. As “novas narrativas” faziam do rural e do semi-rural paradigmas. É o caso dos romances *Cem anos de solidão*, *Pedro Páramo* e *Grande sertão: veredas*, entre outros. Avelar registra a estratégia:

*O urbano se tornou sinônimo de universal. Ao identificar a literatura rural com o passado nos convenceríamos de que o passado estava morto, de*

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 212.

<sup>16</sup> AVELAR, Idelber. *Alegorias da Derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina*. Tradução de Saulo Gouveia. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 21.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 21.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 21.



que éramos parte da mesma aldeia global e de que a dolorosa distinção entre centro e periferia havia sido apagada.<sup>19</sup>

A paisagem que busca apagar a diferença entre rural e urbano, passado e presente, revela, ainda que a contragosto, o espectro de uma saudade. É a ditadura militar uma força presente que se procura combater e derrubar. E, num olhar mais distanciado e amplo, o império norte-americano rege o toque da fanfarra<sup>20</sup>. Daí, um retorno idealizado a um estado de origem, aproximando-se afetivamente da memória de uma identidade “perdida”. Não podemos ignorar a contribuição do Velho Mundo em nossa formação intelectual e cultural, nem, tampouco, a presença majoritária de descendentes de europeus em nossas elites. Donghi contextualiza a nostalgia: “para contrapor-se ao avanço dos Estados Unidos, recorre-se a outras influências externas, melhor radicadas na realidade latino-americana. A consciência de origem católica e espanhola da América Latina se torna mais viva.”<sup>21</sup>

Há, desse modo, uma reação literária à dominação de tipo conservadora, que tinha o Realismo Mágico como seu representante, e que tenta romper com a noção de “atraso”, plasmando-se em algo novo, fundacional, todavia, retroage a um tempo pré-moderno e pré-capitalista, nostálgicamente europeu. Mas houve, também, paralelamente a isso, uma outra reação, de matiz revolucionária, seguindo o modelo do Realismo Russo, procurando catequizar o povo para uma transformação política e revolucionária como alternativa ao capitalismo. Ambas as tendências procuram resolver problemas sociais pelo caminho da estética, mas nada mais fazem do que a defesa de uma voz autoritária, de um enquadramento da arte à política de um lugar de poder central e hegemônico. Em nome da liberdade, da justiça e da fraternidade elegem-se novos dogmas, reeditam-se cartilhas.

Reinaldo Arenas se situa entre e fora desses dois pólos. Se a sombra de Carpentier está presente na representação de um mundo rural e na idealização da infância, transformando a realidade ficcional em algo fantástico, coexistem em seus textos aspectos do barroquismo de um Lezama Lima, o lirismo e homoerotismo de Virgílio Piñera, a fusão do discurso autobiográfico, a intertextualidade, o humor e a política, possibilitando que tanto os extratos pré-moderno e nostálgico – do Realismo Mágico – quanto o da narrativa mais direta e alinhada ideologicamente com a revolução – do Realismo Russo – sejam criticados e

---

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 39.

<sup>20</sup> Para uma análise mais detalhada da influência norte-americana nos países da América Central, ver o livro de Donghi, *História da América Latina*.

<sup>21</sup> Donghi, 1975, p. 175.

ultrapassados como uma proposta de independência literária e manifestação da liberdade individual.

### **DEPOIS: FIDEL**

Nós, os membros da Revolução Cubana, que somos o povo inteiro de Cuba, chamamos amigos aos nossos amigos e inimigos aos nossos inimigos, e não admitimos meios termos; ou se é amigo, ou se é inimigo.<sup>22</sup>

Há em todas as ditaduras, sejam elas de direita ou de esquerda, um traço opressor da diferença. Para se fazer parte do *povo*, como nos diz Guevara no fragmento do discurso acima, é preciso ser amigo da revolução. A revolução é do povo “inteiro” da ilha. Não há dissidentes, não se enxergam discordantes. Afirma-se de antemão uma verdade incontestada, absoluta e cabal: a Revolução Cubana é do *povo*. Qual povo?, seria lícito perguntar. O cubano. Não qualquer cubano, somente o “membro da revolução.” A adesão é total e nela não se comportam contrários e dúvidas. “Povo”, para o argentino Ernesto Guevara, não se trata de um aglomerado de cidadãos, de um grupo heterogêneo e em condições sociais e culturais divergentes, “povo” passa a significar “revolucionário.” Não qualquer revolucionário. Mas, sim, o *desta* Revolução. A Revolução Cubana promovida por Ernesto Guevara e Fidel Castro. E, com um pouco de boa ou má vontade, pode-se perceber um tom de ameaça nas entrelinhas. Não se sabe como este *novo* povo, agora consciente politicamente, dirigirá o bem-comum – comum a quem e para quem? –, contudo, com um pouco mais de esforço, somos até capazes de entrever nesta voz a imposição de uma supremacia, uma autoridade, que, rígida, chama a discordância de “inimizade” e, conseqüentemente, a rotula de “traição.”

Quando, em 1959, Fidel derrubou Batista do poder, declarou que o novo regime seria “humanista” e não especificamente comunista. Ele, inclusive, era considerado uma espécie de herói nos Estados Unidos, tendo sido patrocinado pelo país quando esteve no México e preparava um exército para invadir a ilha.<sup>23</sup> Porém, quando Castro se decidiu por realizar a reforma agrária e nacionalizar as empresas de açúcar – até então único produto produzido em Cuba e destinado quase que exclusivamente para o consumo norte-americano –,

<sup>22</sup> GUEVARA, Ernesto. *Textos Políticos*. 3ª edição. Tradução de Olinto Beckerman. São Paulo: Global, 1986, p. 19.

<sup>23</sup> ROBERTS, J. M. *O livro de ouro da história do mundo*. 12ª edição. Tradução de Laura Alves e Aurélio Rabello. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 774.

as relações entre os dois países passaram a ser de crise. A saída foi promover uma aproximação com a Rússia e implantar uma política antiamericanista. Como resposta, os norte-americanos romperam diplomaticamente com o antigo aliado e implantaram fortes políticas de sanções econômicas, buscando tirar Castro do poder mesmo que à força. Tal cenário fez com que os cubanos se unissem ainda mais em prol da revolução.<sup>24</sup> Em 1º de maio de 1961, Castro proclamou a adoção do socialismo no país.

O alinhamento de Cuba com os programas socialistas russos fez com que as transformações sociais operadas pela juventude mundial nos anos 60 e 70, que clamavam pela liberdade sexual, pelo “paz e amor” hippie, pela mudança dos costumes, busca de novos padrões comportamentais, não-dogmatismo político e religioso, fossem rapidamente associadas à alienação da realidade, a um consumismo desenfreado e à degradação moral do capitalismo, sendo o homoerotismo um vício condenável, um desvio da natureza e exemplo de fraqueza a ser perseguido. No socialismo almejado por Guevara não havia espaço para minorias, a liberdade era a de um povo, não a de indivíduos:

Porque a guerra de guerrilhas não é, como se pensa, uma guerra minúscula, uma guerra de grupo minoritário contra um exército poderoso, não; a guerra de guerrilhas é a guerra de todo um povo contra a opressão dominante. O guerrilheiro é a sua vanguarda armada; o seu exército é constituído por todos os habitantes de uma região ou de um país.<sup>25</sup>

O modelo de controle e autoritarismo “socialista” é ditado pela Rússia:

Os Estados comunistas que passaram a existir após a Segunda Guerra Mundial, ou seja, todos, com exceção da URSS, eram controlados por partidos comunistas formados ou modelados nos moldes soviéticos, ou seja, stalinistas. (...) Em todos eles, encontramos sistemas políticos unipartidários com estruturas de autoridade altamente centralizadas; verdade cultural e intelectual oficialmente promulgada, determinada pela autoridade política; economias centrais planejadas pelo Estado; e, até mesmo, relíquia mais óbvia da herança stalinista, líderes supremos de forte perfil.<sup>26</sup>

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 774.

<sup>25</sup> Guevara, 1986, p. 65.

<sup>26</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. 2ª edição. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Exatamente como no governo do ditador deposto, a tortura passa a ter seu lugar na ilha de Fidel Castro<sup>27</sup>, instaura-se a censura e a perseguição política, criam-se campos de concentração e prisões. Uma alternativa para os entusiastas castristas seria negar as afirmações de dissidentes como Arenas. Foi o que fez Carlos Franqui, irmão de Fidel Castro. Comunista de primeira ordem e revolucionário, estreitamente ligado ao irmão, diretor de serviços de rádio durante a campanha da Sierra Maestra contra Batista e depois editor do *Revolución*, jornal vanguardista de grande influência, veículo acusado por Fidel de dividir internamente a revolução ao criticar os excessos do Partido:

Franqui comete um pecado que todos nós (diz Cabrera Infante), que trabalhamos no *Revolución*, cometemos na época. Sempre que tínhamos notícia de um novo decreto arbitrário ou de outra injustiça cometida em nome da justiça ou de algum outro crime político (até mesmo assassinato) cometido pelo regime, nós sempre dizíamos: “Provavelmente Fidel nem sabe disso”, ou “Isto é coisa do Raúl”, ou “Isto é um dos truques argentinos do Che”, ou ainda “É culpa do Ramiro Valdés – ele é o ministro do interior, não é?” (Algum de nós ousa pensar que Ramiro Valdés havia sido nomeado chefe de polícia política pelo próprio Castro?) Estas eram variações sobre um tema de Koestler intitulado “As atrocidades e a recusa de se cre nelas.” Ou nossa relutância em conceber nossos santos como pecadores.<sup>28</sup>

E, nas palavras do próprio Franqui, a desilusão ao relatar pessoalmente um caso de tortura a Fidel:

Certo dia, um dos repórteres do *Revolución*, um companheiro de armas dos dias da clandestinidade que estivera com Che durante a campanha de Escambray, e que era conseqüentemente nossa chance de cobrir a operação, veio a Havana e me contou que havia gente sendo torturada. Explicou que o comandante Dermitio Escalona e alguns outros estavam usando a velha técnica de aforamento.

(...)

As fotos mostravam claramente o comandante Escalona e seus capangas batendo em prisioneiros e torturando-os. Peguei as fotos e fui direto para o palácio, onde se realizava uma reunião de ministros. Entreguei as fotos

<sup>27</sup> ROBERTS, 2003, p. 774.

<sup>28</sup> INFANTE, Guillermo Cabrera. *Prefácio: Retrato de um tirano como um aprendiz senescente*. In.: *Retrato de Família com Fidel*. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Record, [s/d], p. 13.

a Fidel, pensando que estava dando a ele uma terrível evidência da qual nada sabia. Para o meu espanto, Fidel não demonstrou surpresa. “Olhe, Franqui, você sabe que Juan Almeida apanhou por lá um grupo que alegou ser inocente. Almeida não tinha provas, e então deixou que partissem. Pouco mais tarde, as mesmas pessoas cruzaram com Escalona, que os agarrou e incutiu neles o temor a Deus. Quer saber o que aconteceu? Todos falaram e descobrimos uma rede inteira. Capturamos centenas de prisioneiros, quebramos uma organização nacional e salvamos a vida de inúmeros revolucionários. Um pouco de pressão e nos falaram.” Aí, eu disse: “Mas, Fidel, foi exatamente o que me disseram no *Bureau* de Investigações quando os homens de Batista estavam me torturando.”<sup>29</sup>

E acrescenta que Fidel o ouviu e concordou, dizendo que haveria execuções, mas não mais torturas. Contudo, o que houve foi uma mudança das técnicas usadas:

A Segurança tornou-se tão secreta e poderosa que não se podia falar sobre ela. Mas transpiravam notícias de prisões, injustiças, deportações e execuções. Não ouvíamos falar muito de tortura física nas prisões de Raúl, Ramiro Valdés e Sérgio del Valle, mas sim de tortura psicológica: escuridão, calor, frio, confinamento solitário, ameaças de morte.<sup>30</sup>

Depois, era calar a opinião pública, dentro e fora de Cuba. A União Nacional dos Escritores já se encarregava deste fardo, censurando e permitindo as obras que poderiam ou não ser publicadas. Deste modo, em 1969, o romance de Arenas “El mundo alucinante” teria sua publicação proibida na ilha e, enviado clandestinamente a Paris, ganharia o prêmio de melhor romance estrangeiro no mesmo ano. Antes, a relação entre os escritores cubanos, que, em larga maioria, apoiara a revolução, e o regime passava por uma verdadeira crise de caça às bruxas:

O primeiro encontro com Fidel aconteceu num domingo, na Biblioteca Nacional. Houve uma afluência enorme. Fidel e sua equipe geral estavam sentados em um lado, e quase todos os famosos escritores e artistas no outro. Fidel, com seu habitual estilo dramático, abriu o encontro dizendo: “Quem estiver mais apavorado deve falar primeiro.” Ninguém se atreveu a começar. Então Vírgilio Piñera, magro, malvestido, com sua vozinha

---

<sup>29</sup> FRANQUI, Carlos. *Retrato de Família com Fidel*. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Record, [s/d], p. 121.

irônica, deu um passo à frente. Vírgilio era uma alma timorata, autor de uma tragédia grega passada em uma plantação cubana, *Electra Garrigó*, e de histórias fantásticas que chamaram a atenção de Jorge Luís Borges na década de 1940. Deu um passo a frente e respondeu a Fidel: “Dr. Castro, o senhor já se perguntou por que qualquer escritor deveria temer a revolução? E, já que parece que sou o mais apavorado, permita-me perguntar: por que a revolução tem tanto medo dos escritores?”<sup>31</sup>

Pavor. Medo. O encontro se assemelhava a um tribunal. Franqui dispõe os grupos: de um lado Fidel, o alto comando militar e advogados, do outro uma salada mista de escritores, Lezama Lima, alguns escritores católicos simpáticos à revolução, alguns velhos, outros jovens. O interesse do jornal *Revolución* era cultural e não, ideológico. Franqui faz um único pedido ao irmão, o de tirar a acusação de que o jornal tentava dividir a revolução. Fidel simplesmente manteve-se em silêncio, revelando, com sua omissão, de onde provinha o espetáculo persecutório.<sup>32</sup> Em breve, muitos dos artistas seriam obrigados a assinar confissões de traição ao regime.

Não resta dúvida que, examinando-se a situação num nível mais global, com as reformas agrárias e urbanas, com a tentativa, ainda que frustrada, de uma industrialização, houve melhoras nas condições sociais de seus habitantes, mesmo eles enfrentando grandes dificuldades financeiras. Ou seja: Cuba não representou nem a promessa – de justiça, igualdade social e fim da dependência econômica – nem a ameaça – de supressão total dos valores individuais – que se desenhava antes dos anos setenta do século passado.<sup>33</sup> A questão, ao meu ver, é pensar se a intolerância e a opressão sofridas por pequenos grupos são justificáveis quando uma maioria não é atingida. O que fazer quando se é parte da minoria oprimida?

As personagens gueis dos textos de Arenas, criadas em solo cubano, assim como seu autor, não possuíam voz para declarar seu desejo abertamente. A sexualidade de seus contos é apenas sugerida por um clima de erotismo refreado. Isolados o desejo no corpo e na literatura, ao homem, uma ilha, restará apenas o exílio.

---

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 121.

<sup>31</sup> FRANQUI, [s/d], p. 133.

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 133..

<sup>33</sup> DONGHI, 1975, p. 324.

## 2.1 O INTELLECTUAL EXILADO

Na profusão de estudos sobre intelectuais tem havido demasiadas definições de intelectual, e pouca atenção tem-se dado à imagem, às características pessoais, à intervenção efetiva e ao desempenho, que, juntos, constituem a própria força vital de todo verdadeiro intelectual.<sup>34</sup>

Como exercer a atividade intelectual com independência e continuar sobrevivendo dentro de uma realidade que busca aniquilar justamente a liberdade de expressão? Como viver sob uma ditadura, de esquerda ou de direita, que suprime os direitos individuais e cerceia o gozo do sexo, controlando as atividades, coibindo o livre pensar, torturando e calando, ocultando e revelando a morte simbólica, a morte política, a morte como moeda, reprodução banal, realismo fanático, religião, ópio, promessa-não-cumprida, adiamento, apoderamento, pavor e criminalização da diferença, da crítica, da não-aderência, do questionamento à “Verdade”?

Reinado Arenas não só sobreviveu, como, mesmo diante de todas as dificuldades materiais, fez da escrita e do corpo objetos de transgressão:

Três paixões regeram a vida e a morte de Reinaldo Arenas: a literatura – não como jogo, mas como fogo que consome –, o sexo passivo e a política ativa. Das três, a paixão dominante era, evidentemente, o sexo. Não só em sua vida, mas também em sua obra.<sup>35</sup>

Descontando o gosto de Infante pelo trocadilho, às vezes aprisionador e revelador da lógica dicotômica de seu pensamento, dispense a hierarquização das três paixões e reputo um disfarçado preconceito no uso dos adjetivos para o sexo e política. Não que, aos modos das revistas de fofocas, seja importante se Arenas era sexualmente ativo ou passivo. Convém apenas esclarecer aos desconhecedores da sua obra, que em *Antes que Anoiteça* há descrições das duas práticas sexuais por parte do narrador: ativa e passiva. E também que uma aparente passividade na política é registro de um outro tipo de atuação e identificação, não

<sup>34</sup> SAID, Edward. *Representações do Intelectual: As conferências Reith de 1993*. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 27.

<sup>35</sup> INFANTE, Guillermo Cabrera. *Reinaldo Arenas ou a destruição pelo sexo*. In.: *Mea Cuba*. Tradução Josely Viana Batista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 399.

necessariamente menos eloqüente. O princípio de passividade está inserido também em seu oposto. E o do agente de atuação, aquele que toma a iniciativa, igualmente. No caso do sexo, para que haja dominador e dominado, é preciso que haja um acordo entre eles. Esse tipo de formulação absoluta esconde em seus subterrâneos a idéia machista de que os gueis copiam um modelo heterossexual – já ultrapassado, penso – em sua maneira de enxergar o sexo, onde a mulher e o homem têm papéis fixos no jogo sensual do amor.

A descoberta de um traço homoerótico na sexualidade de Arenas se deu muito cedo. Logo quando principiou os estudos formais, ainda com seis anos, ele se apaixonou por alguns coleguinhas de sala.<sup>36</sup> Cabrera Infante menciona, não sem alguma ambigüidade, o aspecto exterior da personalidade de Reinaldo Arenas:

Mas Arenas tinha, como costumam dizer em Cuba, seu *defeito*, algo que soa quase como um desafeto: era homossexual e de uma forma muito chamativa, quase como uma louca de Havana Velha. Além disso, não fazia nada para ocultar ou reprimir seus hábitos: pertencia a essa jovem geração de homossexuais que criou o movimento *gay*.<sup>37</sup>

Essa feminilidade de modos diferenciava Arenas de outros dissidentes políticos e homossexuais? Não permitia, vamos dizer assim, a ele se “disfarçar”? Outro aspecto desse não-ocultamento aparece na literatura. Infante, na citação, demarca o horizonte. Arenas pertencia à geração da luta pelo movimento guei. Destaque-se, contudo, que Arenas escreveu a maior parte dos seus contos antes do levante de *Stonewall*.<sup>38</sup>

Por ocasião do lançamento do filme *Antes que Anoiteça*<sup>39</sup>, dirigido por Julian Schnabel e livremente inspirado no livro de Arenas, surgiram muitos artigos em jornais e revistas, onde seus autores defendiam ou atacavam o filme por sua carga de anticastrismo. Em meio a esses havia um muito interessante, assinado pelo norte-americano Jon Hillson, sindicalista, defensor da Revolução Cubana, no qual a promiscuidade de Reinaldo Arenas é posta em cena e suas qualidades enquanto escritor e intelectual são questionadas, afirmando Hillson que o talento do escritor só surgiu por causa da Revolução e que, após ter seu segundo romance censurado, Arenas partiu para um enfrentamento radical não só das políticas

<sup>36</sup> ARENAS, 1995, p. 28.

<sup>37</sup> INFANTE, Guillermo Cabrera. *Mordidas do Caimão Barbudo*. In.: Mea Cuba. Tradução Josely Viana Batista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 100.

<sup>38</sup> Ocorrido em 28 de junho de 1969 e marcando para comunidade homossexual a data como o Dia do Orgulho Gay.

<sup>39</sup> O filme *Antes que Anoiteça* foi dirigido por Julián Schnabel. Grandview Pictures, Fine Line Films, 2000.



errôneas, adotadas em nome da Revolução, como também da luta do povo cubano por sua liberação. E ainda julga toda a produção posterior do escritor, após sua perseguição em Cuba, “inoculada do debilitante veneno de uma amargura obsessiva”, acrescentando que, em sua vida real, não fora capaz de se dar conta da diferença entre a Revolução e os campos de concentração para dissidentes.<sup>40</sup>

Para Hillson, a imagem que Arenas propagava para os jovens era a de quem privilegiava a “revolução sexual” e sua conseqüente promiscuidade, indo de encontro ao credo “de que a revolução desejava inculcar auto-estima nos homens e mulheres livres, aos quais haviam descoberto seus talentos e capacidades como resposta a complicados desafios.”<sup>41</sup>

Há uma verdadeira obsessão por conta das patrulhas moralistas em se condenar quem fala de sexo. Foi assim com Freud, Nelson Rodrigues e Kinsey. E com Reinaldo Arenas. Que fórmula é essa que relaciona uma grande atividade sexual a uma baixa auto-estima? Que autoridade é essa que faz querer pensar que Reinaldo Arenas não gostava de si por praticar sexo “demais”? Primeiro, ele jamais deixou de trabalhar. Segundo, a causa da sua morte não foi a falta de amor próprio, mas o exílio e a doença contraída num tempo e lugar onde a desinformação a respeito da AIDS era grande. O amor-próprio de Arenas, seu orgulho, entrega à vida e paixão eram tão grandes que, uma vez preso, passou meses sem ter relações sexuais, enquanto muitos outros homossexuais “aproveitavam” a oportunidade da reclusão, a falta de mulheres, os favorecimentos de uma situação que limitava o direito à escolha, o exercício pleno da liberdade do desejo:

Não tive relações sexuais na cadeia; não apenas por precaução, como também porque não fazia sentido; o amor é algo livre e a cadeia é algo monstruoso, onde o amor se transforma em bestialidade.<sup>42</sup>

Não foi só uma única vez que Arenas foi preso. Ele esteve em *El Morro*, na *Villa Mariana* e mais uma vez em *El Morro*, prisões e espaços reservados para punir os dissidentes políticos, sendo que, para os homossexuais, havia ainda os campos de concentração chamados *Unidades Militares de Ayuda a la Producción* (UMAP). E, mesmo preso, mesmo em fuga – quando se escondeu no Parque Lênin –, Arenas continuou a escrever e a traficar

---

<sup>40</sup> HILLSON, John. *La Política Sexual de Reinaldo Arenas*. Traducción por Llana Alexis Domingues e otros. NY Transfer News. Disponível em : <<http://www.blythe.org/arenas-s3.html>>. Acesso em: 29 de abr de 2006..

<sup>41</sup> *Ibid.*.

<sup>42</sup> ARENAS, 1995, p. 219.

seus textos para fora da Ilha. Continuou resistindo, dando publicidade aos horrores que o regime socialista de Cuba não permitia enxergar, cumprindo com o papel de intelectual o que Michel Foucault preconizava:

Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não precisam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade. (...) O papel do intelectual não é mais o de se colocar “um pouco na frente ou um pouco de lado” para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da “verdade”, da “consciência”, do discurso.<sup>43</sup>

Afora o papel de autonomia do discurso evocado por Foucault, Arenas reúne várias características anunciadas por Edward Said, em seu *Representações do Intelectual*, que o configuram como um intelectual num sentido mais contemporâneo. Tanto era um exilado e marginal, quanto um amador, sem vínculos com órgãos oficiais. Fato reconhecido mais uma vez por Cabrera Infante:

Era o exilado total: de seu país, de uma causa, de seu sexo, e morreu lutando contra o demônio. Não houve um anticastrista tão pertinaz e tão eficaz. Quando a AIDS não o deixava mais viver, morreu como vivera: em guerra contra Castro.<sup>44</sup>

E o exílio de Cuba veio em 1980, quando, junto a milhares de “marielitos”, Arenas deixou o porto de Mariel para os EUA. Aconteceu então o êxodo dos indesejáveis. O governo castrista mais tarde explicaria o endosso da expatriação como uma “tentativa de depurar a sociedade e purificar a pátria.”<sup>45</sup> Os “marielitos” eram dissidentes políticos, criminosos, doentes mentais e... gueis!

<sup>43</sup> FOUCAULT, Michel. Os Intelectuais e o Poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze.

<sup>44</sup> INFANTE, Guillermo Cabrera. *Apêndice 3*. In.: *Mea Cuba*. Tradução Josely Viana Batista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 195.

<sup>45</sup> PIRES, Thereza. *Reinaldo Arenas, o guerrilheiro que virou vítima da homofobia de Fidel*. Disponível em <<http://www.lunaeamigos.com.br/cultura/arenas.htm>>. Acesso em: 29 de abr de 2006.

No período em que esteve exilado, primeiro, em Miami e, depois, em Nova Iorque, Arenas lutou incessantemente para publicar seus livros, acusou o ditador Fidel Castro pela severidade do regime, organizou abaixo-assinados e manteve a mesma postura incômoda frente aos excessos do poder. Postura que adotou até o dia de sua morte.

### 2.3 CUBA: A VELHA ROSA

Sua cor não se percebe.

Suas pétalas não se abrem.

Seu nome não está nos livros.

É feia. Mas é realmente uma flor.<sup>46</sup>

“...Deixa-me só neste ermo agreste! Alça teu vôo dessa porta!

Retira a garra que me corta o peito e vai-te dessa porta!”

E o corvo disse: “Nunca mais!”<sup>47</sup>

A narrativa de “A Velha Rosa” é uma peça de grande força e expressividade poética. Ela integra o primeiro livro de contos de Arenas, *Con los ojos cerrados* – que mais tarde seria republicado com um conto a mais, *Termina el desfile*, história que deu nome ao volume e foi escrita após a ida do autor para os EUA – e dramatiza não só a vida de uma mulher, um arquétipo da mulher latino-americana, mas faz dela igualmente uma metáfora para a própria Cuba, valendo-se, não só da história como pano de fundo para a ação das personagens, mas desdobrando novas significações e leituras que se refletem em outras produções do autor. Nela, o Estado – tanto o “democrático” quanto o “socialista” – aparece representado como força repressora das potencialidades humanas, objeto de dominação em que se submetem muitos a poucos por força de lei. As personagens homoeróticas são obrigadas a viver a reclusão política do corpo, a viver seus desejos mesclados com as sensações do perigo e do medo, a calar a palavra, para que, na esfera do possível, os olhos falem, o sexo endureça, a boca beije, a carne aceite.

<sup>46</sup> DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *A flor e a náusea*. In.: Poesia e Prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992, p. 99.

<sup>47</sup> POE, Edgar Allan. *Poesia e prosa*. Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.], p. 397-399.

Em linhas gerais, seria a história de Rosa, uma jovem mulher, bonita, forte e extremamente católica. Sua família a promete em casamento a Pablo. Ela casa virgem e eles se mudam para uma pequena fazenda. Pablo sente grande atração sexual pela esposa. Eles têm três filhos. Contudo, Rosa engravida mais uma vez e passa por complicações de parto. A criança morre um dia depois. Ela sente febre e tem convulsões, pensa que vai morrer. Acaba prometendo que se escapar dessa com vida jamais procriará. E deixa de fazer amor com Pablo. Aos poucos, Rosa vai ocupando o lugar do marido na propriedade. Só que a vontade não era suficiente para conter o desejo. Para não ser tentada, obriga o marido a dormir fora do quarto. Pablo fica desalentado, mas se submete. Numa noite de Natal, após convidar toda a família e os vizinhos para exibir a prosperidade da fazenda, Rosa é chamada por sua mãe, que lhe mostra o corpo de Pablo pendurado numa árvore e sem vida. Ela julga o suicídio como um ato de vingança. E segue administrando a propriedade e enriquecendo. Lentamente vai se tornando uma pessoa autoritária, com os empregados, com os filhos. É então que se descobre a Velha Rosa. Este instante coincide com a chegada da Revolução. Pablo Armando, o filho mais velho, semelhante ao pai no físico e no espírito festeiro, vive com o coração solto no povoado. Sem se envolver com as atividades na fazenda, rapidamente engrossará as fileiras dos rebeldes. Arturo, o caçula, o preferido de Rosa, é um garoto estranho, passa a maior parte do tempo trancado no quarto, ouvindo rádio. A filha, Rosa Maria, aos quinze anos era vestida como criança, bordando e brincando por ordem da mãe. Mais tarde será mandada para a casa de uma tia, para continuar os estudos no povoado. Cada filho tomará um caminho diferente, todos ligados à realidade de Cuba. A Velha Rosa, que, à custa de muito trabalho e sacrifício, fez da terra o seu sustento, alcançando uma época de bonança material e financeira e adquirindo boa parte das terras fronteiriças à sua, mas não gozando de uma alegria existencial, atingirá seu auge no instante da vitória dos rebeldes. Alheia à política, ela se recusará a ingressar nas novas cooperativas. Armando estará cada vez mais ausente. A filha deixará de mandar notícias. Apenas Arturo permanecerá ao seu lado. E tem início o declínio. Surgem as ameaças de desapropriação. Os empregados a abandonam para ingressar nas cooperativas. Até o clima atrapalhará seus planos. Primeiro, a seca. O gado vai emagrecendo. Depois, o aguaceiro. Perde-se a plantação. O próprio Armando a comunica sobre o prazo para vender as terras. Ela, que sempre fora racista, descobre a filha casada com um negro. Para piorar, encontra Arturo, o querido Arturo, agarrado a um outro homem no quarto. Pega a arma para matá-lo pela traição. Mas o filho e o amante fogem pela janela. A Velha Rosa duvida da fé. Em todas as ocasiões nas quais sua vida esteve para sofrer uma importante mudança, ela via a sombra de uma asa, pensava ouvir um som estranho, dava-se a manifestação de algum anjo.

Fora assim antes de se casar, próximo à morte do marido e agora, quando tudo parecia liquidado. Só que o anjo, desta vez, tem a aparência de Pablo. Ela sente ódio e tenta por fogo na aparição. O resultado disso será o incêndio da casa e das terras. A Velha Rosa, envolvida pelo fogo, arderá e queimará junto ao anjo, as duas figuras confundidas numa só.

Exposto o enredo, busquemos suas significações. Na metáfora – a rosa, a flor – Arenas põe em jogo as questões políticas que o inquietam, exprimindo-se enquanto intelectual e escritor de uma ficção que, almeja, possa intervir na realidade, interpretando a ação do poder em seu país e revelando as marcas que esta deixa na pele. Nesse recorte, estão presentes as representações da mulher, da religião, do guei, do revolucionário comunista e dos regimes de governo capitalista e socialista.

Rosa, antes do casamento, espelha a Cuba de Fulgêncio Batista, ainda católica, garbosa, vivendo a pujança do açúcar, porém dependente dos EUA, nação forte, propondo uma união a qual a ilha temia se entregar:

Era somente Rosa. Rosa, a filha de Tano; Rosa, a mais pequenina da família; Rosa, a que havia alcançado ouvir rádios de pilha; Rosa, das pernas sem perebas. Rosa de Pablo. E Pablo chegou, como todos os domingos, e se dirigiu à casa, faiscando as esporas, silvando, caminhando com esse andar de potrinho jovem que superava ao cavalo em que ele se ia já ao entardecer, depois de haver falado com o velho por um tempo, depois de haver juntado as mãos às dela, e haver-lhe dito que o deixasse sentar no sofá, ao seu lado, pois as bodas estavam muito próximas. Porém ela, como sempre, não somente o proibiu de sentar-se ao seu lado, como também retirou a mão e mencionou as palavras *honra, e família, e respeito*.<sup>48</sup>

Em seu corpo convivem o desejo do prazer, a ameaça de querer a Pablo, juntamente com a noção de pecado e culpa, simbolizados pelo fervor religioso de Rosa e a herança católica dos espanhóis. Apesar de aparentemente inconciliáveis, desejo e culpa coabitarão, até que, por força das diferenças, se repilam:

Foram em vão os suspiros do homem à meia-noite, seus passeios, nu, pelo quarto, com o sexo erguido, despontando de todos os lugares. Durante mais de um mês realizou as mesmas cerimônias. Se desnudava,

---

<sup>48</sup> ARENAS, Reinaldo. *A velha Rosa*. In.: *Termina el desfile*. Barcelona: Seix Barral, 1981, p. 30 (todas as citações foram traduzidas por mim diretamente do original em espanhol).

encostava-se junto a ela, e permanecia excitado durante horas, tocando o membro, rogando a Rosa, entre soluços, que o atendesse.<sup>49</sup>

(...)

Um odor de terra fresca chegava às vezes pelas fendas do quarto. A claridade da noite caía sobre o rosto do marido, dando-lhe um aspecto de adolescente indefeso. Rosa se sentou na cama, os lençóis rolaram por seus seios e a deixaram nua até a cintura, com grande cuidado foi retirando o cobertor que envolvia a Pablo, seu corpo, leitoso sob a luz da noite, parecia resplandecer ante seus olhos. Súbito, se viu com uma mão levantada para acariciar, quase com ternura, os músculos do homem. Enquanto sua mão deslizava lentamente, acreditou que o escândalo dos sapos havia cessado, e então se quedou quieta, a mão imóvel sobre o corpo do homem.<sup>50</sup>

A repressão ao prazer dará passagem a uma voz autoritária. No caso, o golpe militar empreendido por Batista. É quando ela deixa de ser Rosa para ser a Velha Rosa. A sombra do corvo, o arauto da morte, já se anunciará nas visões de Rosa:

Foi quando presentiu, ou quase imaginou, a presença de uma sombra que vigiava suas costas. Na hora olhou para trás. Porém, não havia nada. Estava sozinha no quarto. O sol entrava pela janela e chegava até a cama, banhando-a com um pálido resplendor, que a cada momento ia se diluindo na sombra. E repentinamente sentiu um medo desconhecido. E saiu quase correndo do quarto.<sup>51</sup>

O corvo estará sempre ali, recalcado, e ganhará forma também em Armando, uma continuidade do pai e vetor do declínio de Rosa. Com a Revolução de 1959, dá-se a primeira morte de Rosa. Seu mundo passa a não ter mais sentido, nem possibilidade de existir. Cada um dos três filhos assumirá um caminho na nova Cuba, que fazem de Rosa uma velha. Armando será o estado totalitário e sua sede de poder pela força. Rosa Maria, a parcela das cubanas que estavam cansadas do papel de exclusão em que viviam as mulheres, mantidas à margem do poder e tendo como única escapatória o casamento ou a prostituição. Tal como Armando, a filha será cooptada. Já Arturo é o mais independente dos três. Ele está “antenado” com a vibração exterior de seu momento histórico. Sua libertação se dá pelas ondas do rádio.

---

<sup>49</sup> ARENAS, 1981, p. 36.

<sup>50</sup> *Ibid.*, p. 58.

<sup>51</sup> *Ibid.*, p. 35.

A inclinação do filho é pressentida pela mãe, que o protege desde pequeno e exagera em seus cuidados, trazendo-o sempre para perto de si e o levando ao médico constantemente, como se ele possuísse uma doença ou o estigma de um grande pecado:

Tinha onze anos e era o filho que mais preocupava Rosa. Sem dúvida, não havia por que se sobressaltar-se, dizia a si mesma, tratando de convencer-se. Cuidava dele mais do que dos outros; todos os meses o levava ao médico, e o fazia dormir junto a ela, no quarto povoado pelas imagens de santos.<sup>52</sup>

(...)

A Velha Rosa o mirava com desconfiança e lhe parecia que seu filho era um desconhecido. E assim, quando Arturo se empenhou em comprar um rádio de pilhas que custava um dinheirão, e fez construir uma torre a um costado da casa, onde se instalava com o rádio e começou a se reunir com os rapazes do bairro, o rosto da Velha Rosa se tornou um pouco mais sombrio.<sup>53</sup>

Ele se isola no quarto. Arturo é o dissidente, o que contesta tanto a “verdade” da Velha Cuba, a de Batista, quanto a Nova Cuba, a de Fidel. Ele não adere à revolução como Armando, mas também não se envolve com a administração das terras da mãe. Nos dois extremos, a autoridade, o desmando, a força. Arturo não reprime seu desejo, seu mundo é exterior àquela realidade, o sexo e a música, expressões de sua liberdade:

Sim, dizia a outra voz; e logo só se escutava a música do rádio. Mais intrigada ainda, a Velha Rosa permaneceu um instante recostada à porta, sem se decidir a abri-la. E, ainda que neste momento não pudesse explicar o porquê, uma obscura sensação de terror foi se instalando em uma das regiões mais imprecisas do corpo. Com grande cuidado, começou a abrir a porta. E adentrou a habitação. Os dois rapazes, quase desnudos, estavam de pé no centro do quarto, beijando-se. Logo caíram, assemelhando-se quase a um só corpo, sobre a cama.<sup>54</sup>

A vivência homoerótica do filho era algo insuportável para a mãe. Ela o expulsa. E fica sozinha. Seu próprio fruto se rebelara contra ela, negara seu mundo, sua religião. Depois de perder a fazenda, não lhe sobrar nada. A segunda morte da Velha Rosa,

---

<sup>52</sup> *Ibid.*, p. 41.

<sup>53</sup> *Ibid.*, p. 42.

<sup>54</sup> *Ibid.*, p. 68.

queimada pelo fogo, será conseqüência da falta de perspectivas para a manutenção de seus antigos valores. E o anjo, ou o corvo, ou Pablo, ou o prazer, ou a morte, cobrará sua dívida:

E sentindo que não podia sustentar-se em pé, tratou de apoiar-se ainda mais contra o anjo. Porém, era inútil: o anjo também estava ardendo. Ainda, por um momento, permaneceram imóveis. Logo, o fogo foi consumindo as duas figuras, que já não se podiam distinguir.<sup>55</sup>

## 2.4 SOBREVIVENTES SEM MÁSCARAS

Dos dezessete contos existentes em *Termina el desfile* e no póstumo *Adiós a Mamá*<sup>56</sup>, além de “A Velha Rosa”, outros quatro contos trazem uma representação de personagens homoeróticos envolvidos em narrativas que tem como fundo a Revolução Cubana. Em nenhum deles encontramos atores que desempenhem o “sair do armário” na esfera do espaço familiar e social. O sexo é praticado sempre clandestinamente, quando não é totalmente suprimido e apenas uma áurea de sensualidade envolve as histórias. É significativo que 13 desses 17 contos tenham sido escritos ainda em Cuba, onde a censura e o aprisionamento eram ameaças constantes, onde o homoerotismo era punido e havia um controle total do tipo e conteúdo dos escritos a serem publicados oficialmente. Arenas desafiou esta ordem com sua vida e escrita, todavia, para continuar escrevendo e traficando seus textos para outros países, viu-se na obrigação de camuflar suas palavras, condicioná-las em sacos plásticos e depositá-las sob uma telha do teto ou um buraco no chão. Essa condição se refletirá também no seu universo de representação. Suas personagens gueis terão consciência do seu desejo, transgredirão a norma para realizá-lo, mas, presos nas malhas de um regime autoritário com traços estalinistas, não terão a oportunidade de declará-lo.

Para contar a alegria e a boa-vontade com que os rebeldes foram recebidos pela população cubana em 1959, Arenas dramatiza o momento de sua vitória em “*Começa el desfile*”. Inspirado em sua própria experiência pessoal, Arenas contará como um jovem rebelde tenta se alistar nas fileiras do exército revolucionário. Quase todos os jovens e adultos

---

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 74.

<sup>56</sup> ARENAS, Reinaldo. *Adiós a Mamá*. Miami: Universal, 1996.



se afilarão para ver a “festa”. O colorido era enorme, bandeiras à mão, bicicletas e cavalos juntavam-se aos carros militares:

Pasa el camión repleto de gente que agita los sombreros y saca una bandera. Qué escándalo. Y el povo del camino, levantándose, cubriéndonos, bajando otra vez como un humo rastrero, y luego, por los cascos de los caballos (que ya se acercan, que ya están junto a nosotros, que ya van delante de nosotros), alzándose otra vez, formando una nube que nos envuelve y casi me impide verte. Más atrás vienen todas aquellas gentes que no sé quienes son, y que parecen cantar.<sup>57</sup>

O jovem narrador perde-se na balburdia geral, enquanto procura um conhecido seu, Rigo, soldado da revolução:

Porque todo parece cantar. Y hasta la voz de Rigo – que ya me alcanza de nuevo, que ya va a mi lado – cuando me dice “Huelo a cojón de oso” es como un canto. “Y yo también”, digo. “Y yo”... Y ya los dos caminamos juntos. Y ya nos confundimos con el barullo que se agranda. Y él se me pierde entre la gente; pero me espera. Y de nuevo camina a mi lado. Y otra vez me habla de los olores. “Pero, qué baño – me dice –. Qué baño cuando llegue por fin a casa”. Y yo lo vuelvo a mirar, riéndome. Te miro. Te veo con ese uniforme deshilachado, caminando a mi lado entre el tropel de la gente y los caballos, entre el tumulto. Tú, con ese formidable uniforme destartado que se te cae a pedazos.<sup>58</sup>

O narrador está completamente embevecido por Rigo, jovem e com o uniforme em frangalhos. A voz do rebelde, para ele, é música. Pouco se lhe importa o fedor, ele também quer cheirar como o amigo, caminhar ao seu lado, poder olhar e apreciar o corpo de homem, de revolucionário. Juntos, é como se perdessem, numa descrição sensorial em que o

<sup>57</sup> “Passa um caminhão repleto de gente que agita os chapéus e tira uma bandeira. Que escândalo. E o povo do caminho, levantando-se, cobrindo-se, baixando outra vez como uma fumaça rasteira, e logo, pelos cascos dos cavalos (que já se acercam, que já estão junto a nós, que já vão diante de nós), alçando-se outra vez, formando uma nuvem que nos envolve e quase me impede de vê-te. Mais atrás vêm todas aquelas gentes que não sei quem são, e que parecem cantar (tradução nossa)”. ARENAS, 1981, p. 7.

<sup>58</sup> “Porque tudo parece cantar. E até a voz de Rigo – que me alcança de novo, que já vai ao meu lado – quando me diz “Cheiro a culhões de urso” é com um canto. “E eu também”, digo. “E eu”... E já os dois caminamos juntos. E já nos confundimos com o barulho que se agiganta. E ele me perde entre a gente; porém me espera. E de novo caminha ao meu lado. E outra vez me fala dos odores. “Mas, que banho – me diz –. Que banho! quando por fim chegar em casa”. E volto a mirá-lo, rindo-me. Te encaro. Te vejo com esse uniforme desfiado, caminando ao meu lado entre o tropel do povo e dos cavalos, em meio ao tumulto. Tu, com esse formidável uniforme desengonçado caindo em pedaços (tradução nossa)”. ARENAS, 1981, p. 7-8.

odor e o barulho se misturam. E há, ainda, a imagem de nudez que se projeta na fala, o momento do banho imaginado. Tudo levemente sugerido. O corpo, a sensualidade:

*Y tú, con el uniforme, sudando, tan orgulloso; alzando la escopeta. Nombrando los diferentes olores de tu cuerpo. “También yo”..., digo. Y hago silencio. Y miro para mis manos – tan callosas de cargas las latas de agua.*<sup>59</sup>

A arma alçada, como se fosse um falo, o corpo suado por baixo do uniforme. O excitação do garoto diante do amigo soldado, um jovem convertido em homem, com o poder e a força de um homem, suando e destituindo tiranos. É evidente a paixão do narrador por Rigo, pela juventude que ele representa. Ela atravessa o conto, corta a memória, faz com que, alternando dois discursos distintos, o leitor tome pé das feições do desfile, ora lembrando o caminho traçado pelo garoto de 14 anos, desejando lutar, contaminado pela euforia do momento, ora narrando sua fixação em seguir Rigo. “Tú hablas, siempre sonriendo; siempre mostrando la escopeta; pero si alguien trata de tocarla, tú no se lo permites.”<sup>60</sup>. É um jogo perigoso este da sedução. O narrador fala da escopeta como se esta fosse o sexo do rebelde. Ele a mostra, a acaricia, levanta-a para que os outros a vejam. Sua potência investida no armamento. O poder de tirar e dar vida. Ao mesmo tempo que ostenta, proíbe o narrador de tocar, como se fosse algo proibido. Então, a noite virá e cada vez mais pessoas cercarão Rigo. O narrador apenas dirá: “Ya nos veremos por ahí”<sup>61</sup>. Ele não tem certeza se o rebelde ouviu. Carregam Rigo nos ombros. Cantam hinos. Fogos de artifício estouram no céu. O narrador recebe uma bandeira. Quando chega perto de sua casa, é recebido pela mãe e avós. Os vizinhos o esperam. Mas ele está cansado. Decide banhar-se. Do banheiro, escuta ainda o rádio, enquanto a água cai, avermelhada pelo povo. O vermelho da revolução, do sangue derramado dos oponentes, da sua paixão lavada do corpo.

Em “Los heridos”, Arenas faz uso do “duplo” para contar uma história em que ele mesmo esconde, no quarto de sua casa, e sem que a família saiba, um jovem ferido em campo de combate. Ele cuidará do rapaz e revelará um desvelo único, amoroso e obsessivo. Todavia, o seu empenho não será suficiente para evitar a morte do jovem. O título no plural

<sup>59</sup> “E tu, com o uniforme, suando, tão orgulhoso; alçando a escopeta. Emanando os diferentes odores de teu corpo. “Eu também”... digo. E faço silêncio. E olho para minhas mãos – tão calejadas de carregar latas d’água (tradução nossa)”. ARENAS, 1981, P. 9.

<sup>60</sup> “Tu falas, sempre sorrindo, sempre mostrando a escopeta; porém, se alguém trata de tocá-la, tu não o permites (tradução nossa)”. ARENAS, 1981, p. 20.

<sup>61</sup> “Logo nos veremos por aí (tradução nossa)”. ARENAS, 1981, p. 20.

flagra não só a projeção da personagem principal, nomeada de Reinaldo, como seu duplo, o Reinaldo que poderia ter se ferido em combate:

- Oh Reinaldo, ya no tienes escapatoria – dijo entonces Reinaldo.  
Y nunca se supo a cuál de los dos se refería.

Las lágrimas empezaron a brotarle muy tibias, como las primeras gotas que ruedan por las canales después de un día abrasador.<sup>62</sup>

Mas, ainda, os dois diferentes Reinaldos aprisionados na ilha: o guei e o homem que precisa manter as aparências para sobreviver. Um deles fatalmente morrerá. Ou aquele que não tem a chance de ser feliz, por não ter direito a viver sua sexualidade, ou aquele que pode ser assassinado ao afirmar o seu desejo abertamente.

No conto “Termina el desfile”, Reinaldo Arenas, já fora de Cuba<sup>63</sup>, escreve a respeito do evento que culminou com o êxodo para os Estados Unidos: a invasão da Embaixada Peruana. Mais uma vez ele se faz personagem. Contudo, mesmo podendo retratar-se, enquanto guei, de maneira mais direta, prefere seguir o padrão literário de seus contos, escrevendo em discurso indireto livre, mesclando duas vozes em primeira pessoa, mas vivendo tempos diferentes, e, com uma linguagem altamente poética e metaforizada, fugir da imanência de um enunciado histórico *X* para transcendê-lo, realizando assim uma espécie de realismo mágico que se ocupa do tempo presente nos centros urbanos – e não nostálgico e rural –, em que o pessimismo nas relações do indivíduo – e principalmente o guei – com o poder, no plano da emancipação política, prepondera. Ele estará, neste conto, mais uma vez participando de um desfile. Um desfile soturno, não mais alegre como o dos tempos em que se instaurou a revolução:

Gentes y más gentes, de Santo Suárez, de La Habana Vieja, del Vedado, de todos los barrios, gentes y más gentes, sobre todo jóvenes, brincando la cerca, esquivando o recibiendo los golpes; corriendo entre el tiroteo y el estruendo de los altoparlantes y el chillido de las perseguidoras, entrando, saltando ya en empavorecido desfile, entre patadas, culatazos, disparos, cuerpos que ruedan y caen, una mujer que arrastra a un niño por los brazos, un viejo que quiere abrirse paso con el bastón.<sup>64</sup>

<sup>62</sup> “- Oh Reinaldo, já não tens escapatória – disse então Reinaldo. E nunca imaginou a qual dos dois se referia. As lágrimas começaram a brotar-lhe muito túbias, como as primeiras gotas que rolam pelas calhas depois de um dia abrasador (tradução nossa)”. ARENAS, 1981, p. 96.

<sup>63</sup> O conto é datado de 1980, logo quando ele se exilou.

<sup>64</sup> “Gentes e mais gentes, de Santo Suárez, de Velha Havana, do Vedado, de todos os bairros; gentes e mais gentes, sobretudo jovens, brincando na cerca, esquivando e recebendo os golpes, correndo entre o tiroteio e o

E novamente ele estará a seguir um “amigo”, que foi até a sua casa e o comunicou da invasão, ficando de averiguar se a notícia procedia e, depois, voltar para levar o narrador, mas ele não volta, fazendo com que o narrador vá para embaixada em seu encalço:

Cerrando la puerta se le acercó hasta pegarle los labios a su oído. ¿No te has enterado aún?, le dijo, ¿De qué? La gente está entrando en la Embajada del Perú. Desde ayer retiraron las postas. Dicen que ya aquello está repleto. Voy para allá. Vamos, le dije. No, dijistes. Espera, tú estás demasiado fichado. Yo iré primero a ver cómo está aquello. Y si es verdad que no hay vigilancia, vengo a buscarte. Espérame aquí. Y salió.<sup>65</sup>

(...)

Seguro que de un momento a otro cerrarán, dice alguien a mi lado. El problema es llegar, digo. Después veremos lo que pasa. Sí, llegar, responde el otro. Y no salir, porque el que salga no solamente lo fichan, sino que le entran a patadas y se lo llevan preso. Y siguen hablando. Ahora sé por qué no pudiste regresar. He sido un imbécil. Debi haberme dado cuenta antes, de que sí no venías era porque te resultaba imposible.<sup>66</sup>

Esta personagem é descrita também como uma lagartixa, Arenas se utiliza dos recursos da dubiedade e da incerteza na construção ficcional de um fato histórico já conhecido. Chamar de lagartixa ao amigo é insinuar a sua capacidade de se enfrontar em espaços desconhecidos e sumir da vista de quem a quer capturar, como o amor romântico, algo que se espera por toda uma vida:

Por eso te sigo, por eso, y por encima de eso. Eres mi meta, mi salvación, mi consuelo, mi aliciente, mi amor, mi grande, único, verdadero, firme amor. Y ahora, otra vez provocas una inmensa algazara cuando te introduces por las piernas del pantalón de alguien que dormia de pie,

---

estrondo dos alto-falantes e o assobio das prostitutas, entrando e saltando já em apavorante desfile, entre patadas, coices, disparos, corpos que rodam e caem, uma mulher que arrasta o menino nos braços, um velho que quer abrir espaço com um bastão (tradução nossa)”. *Ibid.*, p. 169.

<sup>65</sup> “Fechando a porta, ele se aproximou até tocar os lábios em seu ouvido. Não se inteirou ainda?, ele disse. De quê? O povo entrando na Embaixada do Peru. Desde ontem retiraram as guardas. Dizem que aquilo já está repleto. Vou para lá. Vamos, lhe disse. Não, disseste. Espera, tu estás demasiado fichado. Eu irei primeiro e verificarei como está. E se for verdade que não há vigilância, venho te buscar. Espera-me aqui. E saiu (tradução nossa)”. *Ibid.*, p. 167.

<sup>66</sup> “Asseguro que de um momento para outro fecharão, diz alguém ao meu lado. O problema é chegar, digo. Depois veremos o que se passa. Sim, chegar, responde outro. E não sair, porque o que sai não somente o ficham, senão que lhe descem a porrada e o levam preso. E seguem falando. Agora sei por que não pudeste regressar. Tenho sido um imbecil. Devia ter me dado conta antes, de que se não vinhas era porque te resultava impossível (tradução nossa)”. *Ibid.*, p. 168.

apuntalado por la multitud. “Una lagartija bugarrona”, gritan, pues a pesar de todo, o por todo todavía mantienen cierto humor.<sup>67</sup>

Após vagar pelo inferno de gente dia e noite, todos famélicos e desesperados, um tristonho desfile, ele vê, enfim, o amigo. Ele está muito próximo, distribuindo comida, a associação com o conto “Começa o desfile” se torna então inevitável. A atração pelo poder fica evidente, o amigo não é somente uma “lagartixa”, aparecendo e sumindo, ele é o oposto do que se imaginava:

Miro y vuelvo a mirar esos rostros desesperados, pero ninguno, lo sé, es el tuyo. Manos sangrantes que no quieren soltar el alambre, pero no son las tuyas. Derrotado, dejo de mirar para la cerca, y miro a través de ella, hacia fuera, donde están ellos, alimentados, bañados, armados, uniformados o vestidos de civil, ahora preparándose para “servirnos” la comida. Y te descubro., finalmente te descubro. Allí estás tú, entre ellos, afuera, uniformado y armado. Vuelvo a contemplarte mientras comienzan, comienzas, a repartir las cajitas con la comida.<sup>68</sup>

A descoberta propiciará pegar também a “lagartixa”. Um duplo movimento para a conscientização de que amigo e inimigo são duas palavras que se confundem, amor e ódio, fragilidade e poder, categorias que se sobrepõem e coexistem, indefinições de papéis claros, identidades acobertadas e disfarçadas, não *uma* máscara, mas a “falta” de uma:

Puedes ser uno de estos. ¿Eres tú? ¿Serás tú uno de estos? El hambre hace cambiar las caras. El hambre hace que no reconozcamos ni a nuestro propio hermano. A lo mejor tú también me estás buscando y no me reconoces. Sabrá Dios cuántas veces nos habremos tropezado, buscándonos, sin reconocernos. Realmente, ¿podremos reconocernos ya?

<sup>67</sup> “Por isso te sigo, por isso, e acima disso. És minha meta, minha salvação, meu consolo, meu incentivo, meu amor, meu grande, único, verdadeiro, firme amor. E agora, outra vez provocas uma imensa algazarra quando te introduzes pelas pernas das calças de alguém que dormia de pé, apontado pela multidão. “Uma lagartixa bichona”, gritam, pois apesar de tudo, ou por tudo, todavia, mantinham certo humor (tradução nossa)”. *Ibid.*, p. 157.

<sup>68</sup> “Miro e volto a mirar esses rostos desesperados, porém nenhum, eu sei, és o teu. Mãos sagrando que não querem soltar o alambrado, porém não são as tuas. Derrotado, deixo de olhar para a cerca, e miro através dela, até fora, onde estão eles, alimentados, banhados, armados, uniformizados ou vestidos de civis, agora preparando-se para “nos servir” a comida. E te descubro, finalmente te descubro. Ali estás tu, entre eles, afora, uniformizado e armado. Falando, fazendo gestos, rindo e conversando com alguém também jovem, também uniformizado e armado. Volto a contemplar-te enquanto começam, começam a repartir as caixinhas com as comidas (tradução nossa)”. *Ibid.*, p. 172-173.

Rápido, rápido, por cada momento que pase, más nos habremos de desfigurar, menos podremos encontrarnos, descubrirnos, reconocernos.<sup>69</sup>

Como encontrar um amor nessas condições?

Em “Final de un cuento”, última narrativa do livro póstumo *Adiós a Mamá*, nós nos deparamos com uma comparação entre a liberdade usufruída na ilha e a nos Estados Unidos. O narrador fala com um amigo. Este não responde. Somente no final chegamos a saber que a conversa se dá com as cinzas de um homem morto. Apesar do conto estar sempre a traçar paralelos negativos em relação ao lugar do exílio e a terra natal, Arenas faz uma distinção importante da sua vida – ou a de seus personagens – na América do Norte. Mesmo o exilado não sendo “ninguém” em relação aos cidadãos nativos, “porque no existes, quienes te rodean no dan prueba de tu existencia, no te identifican ni saben quién eres, ni les interesa saberlo; tú no formas parte de todo esto.<sup>70</sup>”. A exclusão não tem uma feição controladora a ponto de impedir o ensaio do amor. Continuam-se sem identidades, sem máscaras, sobreviventes do inferno de um regime totalitarista como o cubano, mas ainda mantendo seus corpos desejanter, que, no meio guei, têm a alternativa de ver e reconhecer o outro, podendo igualmente ser visto e reconhecido:

Mira ése que pasó en la bicicleta. Me miró. Y fijamente. ¿No te has dado cuenta? Aquí la gente mira de verdad. Sí uno le interesa, claro. No es como allá arriba, donde mirar parece que es un delito. O como allá abajo, donde es un delito... “Que el que mirare a otro sujeto de su mismo sexo será condenado a”... ¡Vaya! Ese otro también me acaba de mirar. Y ahora sí que no puedes decirme nada.<sup>71</sup>

É um mundo melhor, o narrador afirma. Contudo, lembre-se, sem a ilusão da perfeição e da utopia. Em seu discurso persiste o tom de crítica severa:

<sup>69</sup> “Podes ser um destes. És tu? Serás tu um destes? A fome faz trocar as faces. A fome faz que não reconhecamos nem a nosso próprio irmão. Provavelmente, tu também estás me buscando e não me reconheces. Saberá Deus quantas vezes nós teremos tropeçado um no outro, buscando-nos, sem reconhecerno-nos. Realmente, poderemos nos reconhecer já? Rápido, rápido, por cada momento que passe, mais nós haveremos de nos desfigurar, menos poderemos nos encontrar, descobriremo-nos, reconhecerno-nos (tradução nossa)”. *Ibid.*, p. 171.

<sup>70</sup> “Porque não existes, quem te rodeia não dá prova da tua existência, não te identificam nem sabem que és, não interessa sabê-lo; tu não fazes parte de tudo isto (tradução nossa)”. ARENAS, Reinaldo. 1996, p. 157.

<sup>71</sup> “Olha este que passou na bicicleta. Me olhou. E fixamente. Não percebeu? Aqui as pessoas olham de verdade. Se alguém lhe interessa, claro. Não é como lá em cima, onde olhar parece que é um delito. Ou como lá abaixo, onde é um delito... ‘Que aquele que olhara outro sujeito do mesmo sexo será condenado a’... Veja! Este outro também acaba de me olhar. E agora sim não podes dizer-me nada (tradução nossa)”. *Ibid.*, p. 155.

Pero nada material es difícil de obtener en un mundo controlado por cerdos castrados e idiotizados, sólo tienes que encontrarle la ranura y echarle la *quarter*. ¡Y dije *quarter*! — ¿Me oíste? —; ¡En perfecto inglés! Como lo pronunciaría la mismísima Margaret Thatchert (sic), aunque no sé si la Thatchert (sic) habrá pronunciado alguna vez esa palabra...<sup>72</sup>

E, ao jogar as cinzas do amigo, ele, o narrador, aquele que triunfou – “porque he sobrevivido y sobreviviré. Porque mi odio es mayor que mi nostalgia. Mucho mayor, mucho mayor. Y cada día se agranda más...”<sup>73</sup> – proferirá uma oração ao mar que poderia ter sido feita por ocasião da própria morte:

Mar de los sargazos, mar tenebroso, divino mar, acepta mi tesoro; no rechaces las cenizas de mi amigo; así como tantas veces allá abajo te rogamos los dos, desesperados y enfurecidos, que nos trajeses a este sitio, y lo hiciste, llévatelo ahora a él a la otra orilla, deposítalo suavemente en el lugar que tanto odió, donde tanto lo jodieron, de donde salió huyendo y lejos del cual no pudo seguir viviendo.<sup>74</sup>

## 2.5 INTERVENÇÃO EFETIVA E DESEMPENHO

Aqueles que agem e lutam deixaram de ser representados, seja por um partido ou um sindicato que se arrogaria o direito de ser a consciência deles. Quem fala e age? Sempre uma multiplicidade, mesmo que seja na pessoa que fala ou age. Nós somos todos pequenos grupos. Não existe mais representação, só existe ação: ação de teoria.<sup>75</sup>

<sup>72</sup> “Porém nada material é difícil de obter em um mundo controlado por cerdos castrados e idiotizados, só tens que encontrar as brechas e achar os *quarter*”<sup>72</sup>. Eu disse *quarter*! —; ouviste-me? — Em perfeito inglês! Como o pronunciaría a mesmíssima Margaret Tatchert (*sic*), ainda que não saiba se a Tatchert (*sic*) haverá pronunciado alguma vez esta palavra... (tradução nossa)”. *Ibid.*, p. 172.

<sup>73</sup> “Porque tenho sobrevivido e sobreviveréi. Porque meu ódio é maior do que minha nostalgia. Muito maior. Muito maior. E a cada dia cresce mais...”. ARENAS, 1996, p. 174.

<sup>74</sup> “Mar dos sargaços, mar tenebroso, divino mar, aceita meu tesouro; não rechaces as cinzas do meu amigo; assim como tantas vezes lá abaixo lhe rogamos os dois, desesperados e enfurecidos, que nos trouxesses a esta terra, e o fizeste, leva-o agora à outra margem, deposita-o suavemente no lugar que tanto odiou, onde tanto o judiaram, de onde saiu lamentando e longe do qual não pode seguir vivendo (tradução nossa)”. *Ibid.*, p. 175.

<sup>75</sup> DELEUZE, Gilles. Os Intelectuais e o Poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze.

A despeito do que tenta fazer acreditar Hillson no ensaio sobre o filme de Schnabel, Reinaldo Arenas não teve sua literatura beneficiada pela Revolução de 1959. Ao contrário, o regime o forçou a estudar Contabilidade Agrícola e a trabalhar numa granja, atrasando sua vocação até o ano de 1963, quando enfim, graças a um concurso de contos promovido pela Biblioteca Nacional, em Havana, impressionou fortemente os jurados com seu texto e foi transferido para trabalhar lá. Seu único livro publicado em Cuba seria o primeiro, *Celestino antes del alba*, graças ao prêmio de um concurso nacional promovido pela Unión Nacional de Escritores y Artistas de Cuba (UNEAC). A partir daí, vários escritores importantes se aproximaram de Arenas. Entre eles, Lezama Lima, Alejo Carpentier e Virgílio Piñera. Quando em 1966 ele apresenta seu segundo romance – avaliados por muitos como seu melhor trabalho –, *El mundo alucinante*, a mesma instituição o premia como uma menção honrosa. Mas parte da comissão julgadora lhe confidencia que seu livro, na verdade, tinha obtido o primeiro lugar e que não seria publicado se acaso não retirasse o conteúdo homoerótico do romance. Inconformado, Reinaldo Arenas manda o livro clandestinamente para a França, onde é premiado e publicado, ganhando alguma notoriedade. Começa, a partir daí, a perseguição e censura às suas atividades literárias.

Em 1965, com a tomada de uma feição mais stalinista em Cuba, foram criadas as Unidades Militares de Ayuda a la Producción (UMAP), tendo com alvo preferencial os dissidentes políticos, os gueis e os testemunhas de Jeová. Os gueis eram demitidos de seus empregos com um único telegrama. Em pouco tempo, Arenas estava fora da Biblioteca Nacional, passando a depender do apoio de amigos e de pequenos trabalhos de biscate para sobreviver. Esse era o panorama da Cuba de Fidel no período entre os anos 60 e 80.

É inegável que nunca houve em Cuba um militante do direito de liberdade de pensamento tão bravo quanto Arenas. Sua insistência em não se calar, em continuar escrevendo, expressando sua maneira pessoal de perceber a realidade por meio de seus livros, contém a mais genuína demonstração de vigor e independência. Graças a ele, o restante do mundo pode conhecer uma outra faceta da ditadura de Fidel Castro, e não a mais puramente libertária.

John Hillson argumenta que Arenas deveria ter permanecido na ilha para tentar mudar a realidade dos gueis perseguidos e, deste modo, procurar consertar os erros de dentro da própria revolução, sem, no entanto, negá-la de todo, uma vez que no tempo de Batista imperava a prostituição, os cassinos e os vícios de toda natureza. Diz, ainda, que Cuba



conseguiu reverter a situação de seus gueis e lésbicas, citando como exemplo quatro medidas<sup>76</sup>:

“1- Em 1975, a Corte Suprema Cubana invalidou a Resolução Número 3 do Conselho de Cultura, que limitava o emprego dos homossexuais à arte e à educação;

“2- Em 1975, depois de extenso debate e discussão popular, Cuba adotou o Código da Família. Entre outras mudanças, ratificou a igualdade entre homens e mulheres para a guarda de crianças e outras responsabilidades;

“3- Em 1979, o novo Código Penal descriminalizou a homossexualidade; e

“4- Em 1981, o livro *Em Defesa do Amor*, escrito pela doutora Sigfried Schnabl, converteu-se no livro mais vendido de Cuba, devido ao seu tratamento franco e honesto da sexualidade humana. ‘A homossexualidade’, Schnabl escreveu, ‘não é uma enfermidade, senão uma variante da sexualidade humana.’”

Ele afirma também que em Cuba não há violência contra gueis como ocorrem no Brasil e nos EUA, onde jovens são assassinados brutalmente. Não tenho subsídios para confirmar ou negar a informação. Porém, uma coisa se torna evidente. As quatro medidas citadas por Hillson formam um conjunto que só vêm confirmar a efetividade do desempenho de Reinaldo Arenas em sua cruzada anticastrista. Principalmente, se considerarmos que as 3 primeiras medidas ocorreram quando Arenas ainda morava na Ilha. Elas acabam se tornando a prova cabal de que a atividade intelectual do escritor – principalmente a ficcional – não foi em vão. E, pergunte-se ainda a respeito da eficiência de sua aplicação, uma vez que elas não foram suficientes para impedir que o escritor necessitasse abandonar o seu lar.

---

<sup>76</sup> HILLSON, acesso em 29 de abr. de 2006.